

Maria Manuela Restivo

mariamanelarestivo@gmail.com

**Têxteis do Sudeste Asiático da coleção da Faculdade de
Letras da Universidade do Porto**

O presente artigo baseia-se na Dissertação de Mestrado intitulada “A coleção de Timor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: uma introdução às artes tradicionais timorenses”, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a orientação do Professor Doutor Rui Centeno e coorientação da Professora Doutora Alice Duarte.

This article is based on the Master's Dissertation entitled “A coleção de Timor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: uma introdução às artes tradicionais timorenses”, developed in the context of the Museology Masters at Faculty of Arts and Humanities, University of Porto, under the supervision of Professor Rui Centeno and Professor Alice Duarte.

<http://hdl.handle.net/10216/82190>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo dar a conhecer a investigação realizada sobre o conjunto de 23 têxteis do Sudeste Asiático pertencentes à coleção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), formada entre 2000 e 2002. Através do estudo de cada objeto, da pesquisa em bases de dados de Museus e do cruzamento de referências bibliográficas, foi possível identificar e inventariar todos os têxteis da coleção, acedendo-se à sua origem geográfica, às técnicas utilizadas na sua produção e à função social que desempenhavam nas sociedades de origem. Espera-se, assim, que a coleção da FLUP seja reconhecida como pertinente e relevante no conjunto de coleções de Timor em Portugal.

Palavras-chave

Têxteis; Timor; Coleção; FLUP

Nota biográfica

É formada em antropologia (licenciatura e mestrado) pela Universidade de Coimbra e em museologia (mestrado) pela Universidade do Porto, com uma dissertação sobre as artes tradicionais de Timor. Estagiou no Museu da Quinta de Santiago, Matosinhos, e no Palácio Nacional da Pena, em Sintra. Desenvolve pesquisas, exposições e projetos na área das artes tradicionais e populares, colaborando com a galeria “Cruzes Canhoto” e com a associação cultural “Casa do Vinhal”, da qual é uma das sócias fundadoras.

Abstract

This article aims to inform the research carried out on 23 textile Southeast Asia from the collection of the Faculty of Arts, University of Porto (FLUP), formed between 2000 and 2002. Through the study of each object, the research in museum databases and bibliographical search, it was possible to identify and inventory all textile collection identifying the geographical origin of each textile, the techniques used in their production and the social role they played in the societies of origin. It is hoped, therefore, that the collection of the Faculty is recognized as pertinent and relevant in the context of Timor collections in Portugal.

Keywords

Textiles; Timor; Collection; FLUP

Biographical note

Maria Manuela Restivo graduated in anthropology from the University of Coimbra and gained a master degree in museology from the University of Porto, with a dissertation on the Traditional Arts of Timor. She had internships at the Museu da Quinta de Santiago, Matosinhos, and at the Palácio Nacional da Pena, in Sintra. She conducts research, curates exhibitions and projects in the field of traditional and popular arts, working with the art gallery “Cruzes Canhoto” and the cultural association “Casa do Vinhal”. She is one of the founding members of the latter.

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados obtidos na investigação realizada, como parte de uma dissertação de mestrado, a um conjunto de têxteis do Sudeste Asiático pertencente à coleção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Esta coleção – composta ainda por objetos de ourivesaria e esculturas em madeira, perfazendo cerca de 50 objetos – foi recolhida na ilha de Timor entre os anos 2000 e 2002 pelos professores Rui Centeno e Ivo Carneiro de Sousa, docentes na mesma faculdade, no âmbito de um conjunto de visitas institucionais a Timor Leste. Os objetos foram recolhidos em antiquários de Kupang, Bali e Jojakarta ao longo destes três anos. Ainda que o objetivo principal fosse a salvaguarda de objetos da cultura tradicional de Timor Leste que, devido à instabilidade da situação política, corriam o risco de desaparecer, foram também recolhidos alguns têxteis de outros países do Sudeste Asiático, devido às suas qualidades estéticas. Consequentemente, a coleção de têxteis da FLUP contém exemplares de algumas ilhas do Sudeste Asiático, para além de uma maioria com proveniência em Timor Ocidental e Oriental. De todos os têxteis, apenas quatro tinham sido previamente identificados e investigados, sendo que os restantes permaneciam inéditos.

O artigo está dividido em quatro partes: a primeira procura situar o início dos estudos dos têxteis do Sudeste Asiático, destacando as formas de abordagem mais comuns em trabalhos relevantes nesta área; a segunda parte constitui uma introdução aos têxteis do sudeste asiático, suas origens, técnicas e usos sociais, procurando enquadrar esta temática; a terceira parte pretende avançar determinadas características definidoras dos têxteis da ilha de Timor, maioritários na coleção, explorando alguns grupos culturais e seus percursos; a quarta parte avança uma breve análise sobre os têxteis de Timor da coleção da FLUP.

A nível metodológico, foram utilizadas várias abordagens, destacando-se a investigação dos objetos, com base nas metodologias discutidas por Susan Pearce (1992, 1994), o cruzamento de fontes bibliográficas, a consulta de diversas bases de dados de Museus e a discussão com colecionadores de têxteis do Sudeste Asiático.

1. O estudo dos têxteis do Sudeste Asiático: Origens e perspectivas disciplinares

À semelhança do que aconteceu com outras formas de produção material de sociedades não-europeias, o estudo dos têxteis do sudeste asiático é relativamente tardio, apontando-se a década de 70 do século XX como a do início do seu estudo sistemático (Gittinger, 1979, p. 9;

Majlis, 1991, p. 13). A ambiguidade quanto à sua classificação dentro das áreas disciplinares (fora das belas artes, mas também alvo de pouca atenção entre os etnógrafos que estudavam a zona) terá contribuído para o atraso do seu estudo.

Apesar de só recentemente serem alvo de atenção ampliada, alguns investigadores do século XIX, de forma relativamente isolada, tinham já demonstrado interesse em alguns dos têxteis desta região. Em finais do século XIX, no contexto de um interesse generalizado pelas artes nativas, alguns têxteis começaram a ser recolhidos em diversas partes do Sudeste Asiático (Maxwell, 2003, p. 12). Essa recolha foi efetuada maioritariamente por antropólogos holandeses – destacando-se J.A. Loeber, J. E. Jasper e M. Pirngadie ou H.H. Juynboll (Maxwell, p. 12) – que contribuíram diretamente para a formação das coleções de têxteis existentes ainda hoje nos museus holandeses. Ao longo do século XX, nomeadamente nos anos 30 e 40, foram sendo publicados alguns artigos em jornais populares ou de cariz etnográfico, não constituindo, contudo, estudos pormenorizados ou sistemáticos. Os *batiks* de Java foram dos primeiros tipos de têxteis a receber atenção (por J. A. Loeber & Alfred Buhler (Maxwell, p. 12) e a serem estudados autonomamente, facto a que

não deve ser alheia a localização do centro administrativo holandês em Java.

Já no caso português, e apesar da longa presença portuguesa em território asiático, os estudos sobre cultura material são quase totalmente omissos ao longo dos séculos XIX e XX. Ao contrário do que acontecia na Holanda, a antropologia colonial portuguesa era quase exclusivamente do ramo da antropologia física, que em Timor foi marcada pelo debate acerca das origens das populações timorenses (Almeida, 1994). As referências à cultura material são frequentes nos trabalhos de antropólogos do ramo da antropologia física, cujos artigos são escritos sobre uma base empírica fraca (Viegas, 2011, p. 6). Esses artigos tendem a reproduzir generalizações: um tipo de comportamento registado em determinado lugar era visto como representativo de todos os grupos culturais timorenses. Este é o caso, por exemplo, de António de Almeida e dos seus artigos sobre cultura material timorense nos anos 50 do século XX. Não obstante a tendência de generalização pouco sustentada deste autor, os seus artigos (e vídeos) sobre cultura material são importantes pela descrição pormenorizada dos processos de produção dos objetos.

Ruy Cinatti, por sua vez, terá sido a figura que mais contribuiu para o estudo da cultura material

timorense no Portugal colonial (até 1975), destacando-se ainda hoje a importância do seu contributo. O seu estudo centrou-se em duas dimensões: o estudo da arquitetura tradicional (1987) e o estudo dos motivos artísticos e seus significados simbólicos (1987), que ele considerava transversais a toda a produção material timorense. Contudo, e apesar da sua formação em antropologia social, há igualmente na sua obra alguma tendência para a generalização em detrimento da recolha pormenorizada de informação, algo que veio a ser posteriormente apontado como uma das falhas de Ruy Cinatti enquanto investigador (Castelo, 2011, p. 12). A importância de ambos, para além da abordagem da cultura material, reside no registo das práticas sociais e culturais do então Timor Português de meados do século XX. Já no caso do tema aqui em análise, os têxteis, a sua contribuição foi residual, facto extensível à totalidade dos investigadores portugueses que residiram em ou estudaram Timor. Acrescentando a isso a proibição do uso de panos tradicionais, decretada pelo governo português na década de 1950 (Cinatti, 1987, p. 14), conclui-se que a contribuição portuguesa para o estudo da cultura material tradicional timorense foi nula, quando não constituiu mesmo um obstáculo. O interesse pelos têxteis de Timor chega vários anos depois, no contexto do interesse generalizado pelo Sudeste Asiático.

É na década de 1970 que os têxteis do Sudeste Asiático vão assumir uma nova dimensão, iniciando-se um ciclo de investigações, exposições e publicações que tornam esta área geográfica numa das mais importantes na produção de têxteis tradicionais a nível mundial. Historiadores e curadores de museus são os protagonistas desta nova vaga de investigação. A exposição “Splendid Symbols: Textiles and Tradition in Indonesia” que ocorreu em 1979 no Textile Museum em Washington D.C., resultado das investigações de Mattiebelle Gittinger, é considerado um trabalho pioneiro, ditando a orientação de investigações posteriores (Gittinger, 1979). De facto, o catálogo da exposição não só aborda têxteis de várias áreas geográficas da Indonésia, destacando características regionais, como se atende aos usos sociais e religiosos, juntando uma abordagem classificatória, mais próxima da história da arte, com uma abordagem contextual, mais comum nos trabalhos etnográficos. Estes dois tipos de abordagem – artística e etnográfica – vão, em maior ou menor grau, marcar presença em trabalhos posteriores.

As décadas de 1980 e 1990 são marcadas pela multiplicação de investigações e exposições sobre os têxteis do Sudeste Asiático, tendência que se verifica até aos dias de hoje. Muitas das exposições realizadas, bem como a produção dos catálogos correspondentes, têm permitido a

divulgação de coleções de têxteis desta região quer à comunidade científica internacional quer ao público em geral. Com a colaboração de colecionadores privados, alguns museus realizaram exposições significativas, que ajudaram a sedimentar o conhecimento sobre esta área de estudos. Refira-se por exemplo as exposições “Early Indonesian Textiles”, no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque em 1989, “Woven Messages – Indonesian Tradition in the Course of Time”, no Museu Roemer na Alemanha, em 1991 ou “Cultures at Crossroads, Southeast Asian Textiles from the Australian National Gallery” em 1992.

São várias as abordagens utilizadas no estudo desses têxteis: algumas investigações dedicam-se exclusivamente a áreas geográficas específicas, ao passo que outras procuram investigar os pontos em comum, defendendo a coerência do Sudeste Asiático enquanto área cultural. Neste último caso, destacam-se os livros de Michael Hitchcock (1991) e Robyn Maxwell (2003). Ambos se caracterizam por uma abordagem generalizada dos têxteis, no caso de Hitchcock, apenas da Indonésia, e no caso de Maxwell, para toda a zona do Sudeste Asiático. O livro de Hitchcock constitui uma introdução generalizada aos têxteis da Indonésia, abordando várias temáticas ligadas aos têxteis: origens, técnicas, usos e funções sociais. Já o

livro de Maxwell é um dos trabalhos mais completos realizados sobre os têxteis desta zona, focando-se na continuidade da produção têxtil através dos tempos e investigando as influências chinesas, indianas, islâmicas e europeias que contribuíram para a sua singularidade. De facto, a sua conceção é a de que a especificidade e riqueza formal destes têxteis reside na forma como integraram influências externas, construindo, contudo, uma estética própria.

No caso dos estudos dos têxteis de áreas geográficas particulares, são vários os trabalhos que têm sido feitos sobre ilhas específicas. Contudo, destacam-se aqui as investigações realizadas sobre os têxteis de Timor. Um que data de 1997 – “Traditional Textiles of West Timor: Regional Variations in Historical Perspective” de Yeager e Jacobson e outro de 2014 – “Textiles of Timor. Islands in the woven sea” de Joanna Barrkman e Roy Hamilton. O primeiro, tal como é indicado no título, é dedicado exclusivamente a Timor Ocidental e constitui um estudo bastante completo sobre os têxteis da zona ocidental da ilha. Aborda a história da ilha, as diversas ocupações que sofreu e, mais importante, estabelece um padrão classificatório que permite identificar com alguma precisão a proveniência geográfica dos têxteis através dos seus padrões. Já o recente livro de Barrkman e Hamilton defende a unidade

da ilha de Timor no que se refere ao estudo dos têxteis. Partindo do anterior trabalho de Yeager e Jacobson, a análise é estendida a Timor Leste, construindo-se um guia de análise dos têxteis para toda a ilha.

Por outro lado, o livro de Barrkman e Hamilton (2014) aplica a abordagem da história da arte e da antropologia ao estudo dos têxteis de Timor. Fornece não só uma análise pormenorizada dos padrões existentes em toda a ilha por área geográfica, como também desvenda usos e funções sociais dos têxteis, apoiando-se em trabalho de campo realizado em comunidades específicas. De facto, como anteriormente referido, desde os anos 1970 que é detectável uma preocupação relativa não só aos estudos dos padrões e composições dos têxteis, mas também aos seus usos sociais e contextos de utilização. A análise dos usos sociais é, contudo, frequentemente concretizada mais através da leitura de fontes e menos com recurso a trabalho de campo. Tal abordagem não permite o acesso às histórias de famílias e clãs – centrais para o entendimento pormenorizado da produção dos têxteis do Sudeste Asiático – sendo amiúde baseada em generalizações e conjeturas. Por outro lado, como referem Holmgren e Spertus (1989, p. 7), uma análise essencialmente antropológica tende a centrar-se unicamente em localidades muito específicas, analisando os têxteis de acordo com os usos e interpretações

locais, não permitindo a inter-relação entre várias tradições culturais. É na conjugação destas abordagens, a da história da arte e da etnografia, que o livro de Barrkman e Hamilton (2014) se torna exemplar, inaugurando uma forma mais complexa e completa do estudo dos têxteis do sudeste asiático, condizente com as exigências científicas contemporâneas.

2. Têxteis do sudeste asiático: Origens, técnicas e usos sociais

O espaço geográfico normalmente designado por Sudeste Asiático é constituído por dez países: Bornéu, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Singapura, Tailândia, Vietname e Timor Leste. Trata-se de um território que desde cedo sofreu influências culturais muito diversas, onde coexistem quatro das principais religiões do mundo (cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo). É um território que foi colonizado por quatro potências europeias e onde são faladas uma multiplicidade de línguas e dialetos. Apesar desta diversidade, há alguns pontos em comum nos países desta zona que fazem do Sudeste Asiático uma área cultural singular, útil enquanto categoria analítica.

Ainda que o aparecimento da tecelagem no Sudeste Asiático seja um tema frequentemente estudado nos últimos anos, não é possível datar com precisão em que altura surgiu. De facto, algumas investigações têm feito esforços no

sentido de perceber se o conjunto de técnicas têxteis utilizadas no Sudeste Asiático é autóctone ou se terá sido introduzido por outras culturas. A presença desta zona em diversas rotas comerciais desde, pelo menos, o século XIV, proporcionou à região a influência chinesa, indiana, islâmica e europeia (Maxwell, 2003). O desenvolvimento da produção dos têxteis não é, certamente, alheio aos relacionamentos culturais que as rotas comerciais possibilitavam. A título de exemplo, refira-se a influência dos têxteis indianos, onde se destaca a *patola*, que é frequentemente apontada como central na transformação da produção têxtil de vários países (Gittinger, 1979, p. 15). Certo é que os têxteis tais como os conhecemos hoje são fruto de um aglomerado de inovações técnicas e de influências culturais múltiplas, que foram acontecendo ao longo do tempo, e que contribuíram para a riqueza e complexidade estética dos têxteis do sudeste asiático.

Os têxteis mais antigos atualmente conhecidos datam do século XIV ou XV (Maxwell, 2003, p. 82), mas há evidências da sua existência em tempos muito mais recuados. Julga-se que o tear de cintura, um tear rudimentar que se amarra à cintura, base de toda a produção têxtil do Sudeste Asiático, foi introduzido nesta área na idade do bronze e do ferro (Gittinger, 1979, p. 13). Alguns autores sugerem que a produção

têxtil poderia ter surgido com a cultura Dong Son (500 e 200 AC) (Yaeger & Jacobson 1997, p. 53), o que a tornaria numa prática comum já na antiguidade. O uso generalizado do tear de cintura no Sudeste Asiático, é uma das razões pelos quais os têxteis desta zona são vistos como um grupo coerente, passível de ser analisado em conjunto (*cf.* Maxwell, 2003). As diferentes técnicas de tecelagem terão sido introduzidas - ou iniciadas, consoante se tratasse de técnicas estrangeiras ou autóctones - em diferentes épocas históricas: a técnica do *ikat* é considerada das mais antigas, tendo sido igualmente introduzida na idade do bronze (Gittinger, 1979, p. 17).

Ao nível dos materiais usados na tecelagem, destaca-se a seda e o algodão, ainda que este último seja a fibra predominante. O algodão não é nativo do sudeste asiático, mas é aí cultivado há pelo menos 2000 anos (Fraser-Lu, 1988, p. 20). No século XIX, o algodão fabricado localmente era frequentemente substituído por algodão importado pelas potências europeias, causando o declínio generalizado da produção local de algodão (Fraser-Lu, 1988, p. 20). As fibras vegetais teriam sido amplamente utilizadas, defendendo Sylvia Fraser-Lu que o cânhamo poderia ter sido a fibra têxtil original do sudeste asiático (Fraser-Lu, 1988, p. 23). Para além dessa fibra, há igualmente registo da utilização da

planta de bananeira, do ananás e da folha de palmeira para produzir têxteis (Fraser-Lu, 1988, p. 23-24). James Bennet refere igualmente que as fibras vegetais terão sido a primeira forma de vestuário nesta zona (Bennet, 1998, p. 43).

A produção têxtil, na sua forma tradicional, é composta essencialmente por duas partes: a preparação dos fios (tingimento, fiação) e a tecelagem propriamente dita, ou seja, a união dos fios através do tear. Ainda que a primeira atividade seja frequentemente posta em segundo plano no estudo dos têxteis, em grande parte devido ao crescimento do uso de fibras compradas e não produzidas de raiz, trata-se de um aspeto essencial na produção têxtil tradicional. O tingimento dos fios de algodão com tinturas naturais é um processo complexo que envolve um profundo conhecimento etnobotânico: em Timor foi registado o uso de 79 plantas diferentes no processo de produção (Cunningham *et al*, 2014, p. 89). Julga-se que as plantas antigas e mais utilizadas no sudeste asiático são o indigo para produzir o azul e a morinda para produzir o vermelho, sendo utilizado um tipo de lama para obter um corante

preto (Sacchetti, 2004, p. 8)¹. O número de vezes que os fios são tingidos varia consoante a intensidade da cor pretendida, contribuindo para a formação de várias tonalidades de cor.

Cunningham *et al* (2014, p. 90) refere que o conhecimento das raízes e plantas utilizadas na tradicional tintura do algodão, bem como todos os processos envolvidos, se tem vindo a perder, já que em certas zonas o algodão importado é usado desde a primeira metade do século XX². Por outro lado, não se trata de um conhecimento de carácter meramente prático, mas também cultural, já que alguns processos de preparação de plantas e raízes na produção têxtil envolvem algumas proibições cerimoniais, aliadas à potência ritual das próprias plantas.

No que diz respeito às técnicas de tintura utilizadas, a sua diversidade constitui uma característica da produção têxtil do Sudeste Asiático. As técnicas resistentes à tinta (resist dye) são as mais comuns e as mais características da área, onde se incluem o *batik* e o *ikat*. Ambas constituem técnicas de tintura pelo negativo, ou seja, são isoladas determinadas áreas do têxtil antes de se realizar a tintura; a tintura penetra

¹Esta é a razão pela qual os têxteis tradicionais apresentam essencialmente vermelho, azul e castanho em diferentes tonalidades.

²A introdução de algodão importado na produção de têxteis varia muito entre localizações. Em algumas zonas do sudeste asiático o algodão importado é usado desde o século XIX, ao passo que em outras foi introduzido apenas nas décadas de sessenta ou setenta do século XX, ou até posteriormente. Esta é uma das razões que dificultam a datação dos têxteis: estes podem ser antigos e serem produzidos em algodão de fabrico industrial e tintas químicas ou, pelo contrário, serem recentes, mas serem de produção totalmente tradicional.

nas áreas não cobertas, formando desta forma um padrão. No caso do *ikat*, a tintura é realizada nos fios, e só depois estes são unidos no tear para formar um padrão.

Para unir os fios, é usada a técnica de tecelagem num tear simples, que consiste na união dos fios verticais (teia) com os horizontais (trama), formando a tecelagem plana (plain weave ou tabby waeve). Se o padrão (os fios diversamente tingidos) se encontrar nos fios da teia, trata-se de um *ikat* em teia (warp ikat), se se encontrar nos fios da trama, um *ikat* em trama (weft ikat), e se os dois tipos de fios estiverem tingidos com um padrão, trata-se de um duplo *ikat*. O *ikat* duplo é uma técnica extremamente complexa e exigente, e é comum nas já referidas *patolas* indianas, um tecido de produção indiana, normalmente em seda, muito valorizado pela sua estética e complexidade. O *ikat* em trama e o duplo *ikat* são desconhecidos na ilha de Timor (Barrkman & Hamilton, 2014, p. 40).

Outras técnicas caracterizam os têxteis do Sudeste Asiático: a trama suplementar, a teia suplementar, a trama suplementar descontínua e a passagem suplementar na teia (Figura 1)³.



Figura 1 _ Têxtil da FLUP onde estão presentes diversas técnicas, (FLUP002), Molo Utara, Timor Ocidental

Estas técnicas são utilizadas recorrentemente na ilha de Timor e são caracterizadas pela introdução de fios extra ou suplementares na tecelagem plana, em todo o comprimento do tecido ou apenas em algumas zonas.

Em todo o sudeste asiático, a produção de têxteis é e, ao que tudo indica, sempre foi, uma atividade exclusivamente feminina. As raparigas começam a sua aprendizagem por volta dos 14 anos de idade (Centeno & Sousa, 2001, p. 135), começando pelas tarefas mais simples e progredindo até às mais complexas. A perícia na

³ Existem ainda outras técnicas menos comuns: o entrelaçamento, a tapeçaria e o bordado.

produção de têxteis era considerada uma qualidade importante das mulheres nas sociedades tradicionais, importante na hora de casar.

Apesar das dúvidas quanto ao aparecimento da produção têxtil, o reconhecimento da sua centralidade para as sociedades do Sudeste Asiático é consensual (Gittinger, 1979, p. 15). Os têxteis são usados em tantas ocasiões distintas e apresentam utilizações sociais tão diversas que se pode falar na sua omnipresença nas sociedades tradicionais do sudeste asiático. Nestas sociedades, a grande maioria dos têxteis era produzida para servir de vestuário, quer para a vida quotidiana quer para ocasiões especiais. Os têxteis eram, por norma, pouco transformados: os panos retangulares produzidos pelo tear eram simplesmente enrolados ao corpo para formar a roupa. Os homens amarravam os têxteis à cintura ao passo que as mulheres os amarravam, normalmente, debaixo do braço para formar um vestido, ainda que existam registos de que, antes da colonização e dos valores sociais e morais que inevitavelmente impôs, as mulheres, tal como os homens, usavam os têxteis como saia, mantendo o tronco despido (Gittinger, 1979, p. 192).

Para além do seu uso enquanto vestuário, os têxteis desempenhavam um papel essencial em muitas cerimónias rituais ou religiosas,

nomeadamente nas cerimónias consideradas mais importantes no ciclo de vida ou ritos de passagem: os nascimentos, os casamentos e os funerais. Nestas cerimónias, os têxteis aparecem envolvidos não só na performance da cerimónia, como são também utilizados enquanto objetos de troca. Em algumas comunidades, após o nascimento, o recém-nascido é envolvido num têxtil que é considerado ter qualidades protetoras. Da mesma maneira, nos funerais o morto é enterrado com o seu melhor têxtil ou vários têxteis podem ser colocados em cima do caixão (Yeager & Jacobson, 1997, p. 46). No casamento, os têxteis fazem parte integrante de uma das práticas sociais mais complexas da sociedade timorense: as trocas de bens entre as famílias do noivo e da noiva. O casamento é baseado numa aliança que termina muitos anos depois de a cerimónia ter sido efetivamente realizada. Parte dessa aliança é baseada na troca de bens entre a família da noiva e a família do noivo: a família da noiva fornece têxteis considerados bens femininos, e a família do noivo dá em troca bens considerados masculinos (como por exemplo metal) (Maxwell, 2003, p. 94-95). A inauguração de uma casa sagrada (uma casa onde se guardam bens cerimoniais) é também, em certas sociedades, um momento onde os têxteis estão presentes (Centeno & Sousa, 2001, p. 135).

No Sudeste Asiático a troca de têxteis tem associado tanto um valor simbólico como um valor monetário (Gittinger, 1979, p. 20). Por um lado, os têxteis sempre foram vistos como possuindo valor de troca intrínseco; por outro lado, estão envolvidos quer em trocas cerimoniais quer em trocas comerciais. Tal como refere Campagnolo *et al* (1989, p. 21), “tecer é cunhar moeda”, o que procura atestar o valor de troca dos têxteis. Não é certo que os têxteis mais elaborados e profusamente decorados sejam os mais valiosos, especialmente no que se refere a ocasiões cerimoniais. Foram encontrados casos em que os têxteis mais simples, apenas algodão tecido, transportavam uma carga cerimonial significativa (Maxwell, 2003, p. 9). As características que contribuem para a valorização dos têxteis variam consoante a região, tal como muitas outras características de produção, técnicas e usos sociais dos têxteis no sudeste asiático.

3. Têxteis de Timor: Principais características e motivos

Ainda que a ilha de Timor seja atualmente constituída por dois países, a Indonésia a oeste e

Timor Leste a este, o estudo dos têxteis deve partir da totalidade da ilha, já que a sua separação não leva em conta as realidades étnicas e linguísticas existentes (Bennet, 1998, p. 43; Barrkman & Hamilton, 2014, p. 21). A similaridade dos diferentes grupos culturais justifica-se igualmente pela sua relação com os povos de outras ilhas da Sunda Menor (Barrkman & Hamilton, 2014, p. 21).

A ilha de Timor é constituída por vários grupos culturais, que falam aproximadamente 18 línguas diferentes. Contudo, há dois grupos maioritários, quer em número quer no território que ocupam: os Atoni, a oeste, e os Tétum, a este. Os Atoni eram considerados os habitantes mais antigos da ilha, até que, em meados do século XIV, os Tétum, originários da península da Malásia, terão chegado à ilha para ocupar a zona central, a atual zona dos Tétum (Yeager & Jacobson, 1997, p. 16; Bennet, 1998, p. 43)⁴.

A partir dessa zona, os Tétum foram conquistando os territórios em redor até dominarem os outros reinos (Yeager & Jacobson, 1997, p. 16). Deve-se aos Tétum a criação de uma sociedade hierárquica baseada em reinos e clãs,

⁴Os Atoni são também denominados Atoin Meto ou Dawan e os Tétum são também conhecidos por Tetun ou Belu. Optou-se aqui por usar os nomes mais utilizados na língua portuguesa: Atoni e Tétum.

que vai marcar a organização social timorense nos séculos posteriores. Muitos reinos terão derivado dos Tétum, que estabeleceram desde cedo um conjunto de regras de casamento com vista à formação de alianças (Yeager & Jacobson, 1997, p. 16-17). Os reinos foram variando ao longo dos tempos, em processos de expansão ou extinção, o que torna impossível uma correspondência exata entre a organização territorial do século XV ou XVI com a atual. Contudo, aquando da colonização europeia (holandesa, a oeste, e portuguesa, a este) a organização administrativa do território foi em grande parte baseada em reinos ou divisões étnico-religiosas existentes. Tal possibilitou, ainda que não uma correspondência exata, uma continuidade entre a organização territorial do passado com a do presente.

É nesta perspetiva que se tem vindo a classificar os têxteis de Timor com base em variações regionais. Como acontece noutras partes do sudeste asiático, os padrões e motivos dos têxteis, bem como o seu uso, obedeciam a regras rígidas, e estavam diretamente associados a reinos ou grupos culturais específicos (Yeager & Jacobson, 1997, p. 91). Desta forma, seria possível identificar a proveniência geográfica de um têxtil olhando para os seus padrões, sendo inclusivamente possível, através da interpretação dos motivos, perceber a que clã pertencia. Contudo, à medida que os anos foram

passando, essa identificação foi-se tornando cada vez mais difícil e pouco precisa. Tal facto deve-se a dois motivos fundamentais: à deslocação das populações e à globalização. No primeiro caso, refira-se não só a invasão das potências coloniais como as situações de deslocações forçadas em consequência de guerras ou conflitos territoriais. A invasão japonesa na Segunda Guerra Mundial e, ainda com maior peso, a invasão da Indonésia e as lutas pela independência de Timor Leste terão causado a deslocação de quase dois terços da população, interferindo diretamente na continuidade das práticas culturais (McWilliam & Traube, 2011, p. 9). Por outro lado, o crescimento do mercado global e a produção industrial de têxteis têm contribuído diretamente para a diminuição considerável da produção manual de têxteis e da sua importância em Timor. Mesmo quando são produzidos à mão, tem havido uma tendência para simplificar os motivos de modo a tornar a sua produção mais rápida e economicamente acessível, principalmente nas cidades maiores. Grande parte dos têxteis utilizados para uso diário como vestuário são importados, usando-se os tecidos tradicionais apenas em ocasiões especiais.

Apesar das ressalvas apontadas quanto à classificação territorial dos têxteis de Timor, tal não implica a sua inoperabilidade: a classificação regional continua a ser uma ferramenta essencial

na identificação dos têxteis. Contudo, ela deve ser vista mais como uma indicação da sua possível proveniência do que como uma chave indubitável para a sua interpretação. Usando os livros de Yaeger e Jacobson (1997) e de Barrkman e Hamilton (2014) atrás referidos, é possível identificar muitos dos têxteis de Timor. Os critérios mais importantes a analisar são os padrões e os motivos, a sua distribuição na superfície do têxtil e as cores utilizadas (Barrkman & Hamilton, 2014, p. 41). Ainda que cada região tenha associados padrões próprios, o que torna a sua identificação complexa, há alguns pontos que permitem uma identificação generalizada: os têxteis com o painel central branco são de povos etnicamente Atoni, ao passo que os têxteis com várias barras estreitas são mais comuns em Timor Leste. Na parte ocidental da ilha são frequentes os padrões em *ikat* de larga escala, ocupando grande parte da superfície do pano, enquanto em Timor Leste a decoração em *ikat* está mais frequentemente circunscrita às barras nos seus diversos tamanhos, sem, contudo, implicar uma simplificação dos motivos. Certos motivos, por sua vez, estão presentes em toda a ilha, sendo os mais comuns o motivo do crocodilo e do losango com ganchos (*kaif* ou *makaif*), a que se juntam outros motivos geométricos (Figura 2).



Figura 2 _ Motivo kaif em têxtil da FLUP, (FLUP002), Molo Utara, Timor Ocidental

São três os tipos de têxteis mais comumente produzidos em Timor: os de uso masculino, os de uso feminino e os que são usados nos ombros. Existem também carteiras, cintos e lenços, mas estes são menos frequentes. Há têxteis que são produzidos propositadamente para usos cerimoniais; contudo, trata-se de uma situação rara, já que se costumam utilizar para usos cerimoniais têxteis previamente produzidos para uso como vestuário. Ao contrário do que acontece noutras ilhas do Sudeste Asiático, não existe em Timor a tradição de usar os têxteis para exposição nas casas (Barrkman & Hamilton, 2014, p. 29). Os têxteis são de formato retangular, dado que é a forma produzida pelo tear de cintura. Para formar panos maiores, os panos são cosidos uns aos outros: os têxteis masculinos são constituídos por dois ou três painéis cosidos entre si no sentido da teia, e possuem terminação em franja em cima e em baixo. Os têxteis femininos são formados por dois a quatro painéis unidos no sentido da teia que são cosidos no sentido da trama para formar um tubo (Yaeger & Jacobson, 1997; Barrkman & Hamilton, 2014). Os têxteis de ombros são constituídos por uma pequena faixa,

normalmente contendo os mesmos padrões dos têxteis de uso masculino (Barrkman & Hamilton, 2014)⁵.

Apesar da instabilidade social e política vivenciada na ilha de Timor ao longo do século XX, a produção de têxteis parece continuar como uma atividade comum em algumas zonas da ilha, tanto na parte ocidental como na oriental. Nos últimos anos, parece haver uma crescente preocupação com a produção têxtil na sua forma tradicional, produzida com algodão e tintas naturais (Barrkam, 2013). Esta produção tem vindo a ser incentivada por algumas associações de desenvolvimento local, tal como a Timor Aid ou a ETWA, ambas com projetos ligados aos têxteis. Para estas associações, a produção têxtil constitui não só uma prática artística digna de ser preservada, como é considerada uma forma essencial de independência financeira e emancipação das mulheres de algumas comunidades. Ironicamente, os têxteis de produção totalmente artesanal assumem preços tão elevados que tendem a ser comprados maioritariamente por estrangeiros, enquanto as

populações locais compram e utilizam quotidianamente têxteis mais simples e acessíveis, produzidos com algodão importado e tintas industriais.

4. Têxteis de Timor da FLUP

A coleção da Faculdade de Letras é composta por 23 têxteis de sete regiões diferentes. A maioria (14) é de Timor Ocidental, sendo que apenas três são de Timor Leste. Existem dois têxteis da ilha de Solor, e as ilhas das Flores, Lembata, Roti e Savu contam cada uma com um exemplar. Examinando os têxteis de Timor presentes na coleção da FLUP, é possível perceber a predominância de barras e riscas, seja em Timor Ocidental seja em Timor Leste. De facto, todos os têxteis de Timor presentes nesta coleção possuem riscas. Já nos têxteis de outras ilhas, as riscas não são tão presentes ou são mesmo ausentes. No que se refere às técnicas, 13 dos têxteis foram produzidos maioritariamente através da técnica do *ikat* em teia, enquanto os outros 10 apresentam outras técnicas. A existência de uma mesma técnica em vários dos têxteis de outras ilhas contrasta com a

⁵Estes três tipos de têxteis têm vindo a ser denominados ora pelo nome em Tétum ora pelo nome utilizado na Indonésia, respetivamente *tais mane* ou *selimut* para os homens, *tais fetu* ou *sarong* para as mulheres e *selandang* para os panos dos ombros. Contudo, tem vindo a ser apontada a falta de precisão destes termos (Barrkman e Hamilton 2014, p. 14). Se por um lado os termos utilizados na Indonésia não são precisos, sendo antes uma *anglicização*, no caso de Timor Leste existem muitas outras línguas que não o tétum, pelo que o uso dos termos em tétum não é apropriado para denominar os panos de Timor. Procurar-se-á manter a designação genérica pano de uso masculino ou feminino.

diversidade encontrada nos têxteis de Timor. O exemplar FLUP002, por exemplo, possui três técnicas diferentes. Todos os têxteis terão sido produzidos no século XX, sendo que alguns são claramente da segunda metade e outros poderão ser da primeira metade do século. Apesar da sua pequena dimensão, considera-se que os têxteis da FLUP são representativos da diversidade e riqueza formal dos têxteis do Sudeste Asiático.

Considerações finais

No presente artigo, pretendeu-se dar conta da investigação realizada sobre os têxteis do Sudeste Asiático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Apesar da impossibilidade de pesquisa de campo, o que implicou um acesso restrito ao contexto cultural, foi possível, através de pesquisa bibliográfica e da procura de objetos similares existentes noutras coleções, identificar e inventariar os 23 têxteis que compõe a coleção da FLUP. Através

desta investigação foi possível perceber a centralidade dos têxteis no contexto das sociedades tradicionais do Sudeste Asiático, nomeadamente nas ilhas da Sunda Menor, verificando-se a sua omnipresença nas práticas quotidianas. Os têxteis de produção manual, com recurso a técnicas e padrões diversificados e amplamente ricos, eram usados como vestuário, mas também marcavam presença em festas, casamentos e funerais. Apesar do interesse pelos têxteis desta região geográfica ser relativamente tardio, a sua valorização nas últimas décadas, principalmente em museus e publicações, tem contribuído para o seu conhecimento e divulgação. Espera-se com este trabalho contribuir igualmente para o aumento do conhecimento desta produção material, ao mesmo tempo que se pretende dar a conhecer a riqueza da coleção de têxteis da FLUP, destacando a sua importância no contexto das coleções de Timor em Portugal.

Referências

- Almeida, A. (1994). *O oriente de expressão portuguesa*. Lisboa: Fundação Oriente/Centro de Estudos Orientais.
- Barrkman, J. (2013). Reaffirming the Kemak culture of Marobo then and now. Dili: Timor Aid.
- Barrkman, J. & Hamilton, R. (2014). *Textiles of Timor. Islands in the woven sea*. Los Angeles: Fowler Museum at UCLA.
- Bennet, J. (1998). Textiles of Timor. Cloth that binds across borders. *Art Asia Pacific*, (18) 43-47.
- Campagnolo, H. et al. (1989). *Povos de Timor, povo de Timor. Vida, aliança, morte*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Fundação Oriente.
- Castelo, C. (2011). Ruy Cinati: poeta, agrónomo e etnólogo instigador de pesquisas em Timor. *Actas do colóquio Timor: Missões científicas e antropologia colonial. History and Anthropology Timor*. Acedido em fevereiro 1, 2015, em http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2012/01/16-CASTELO_C.pdf.
- Centeno, R. e Sousa, I. (2001). *Uma lulik Timur. Casa sagrada de oriente*. Catálogo de Exposição. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Cepesa.
- Cinatti, R. (1987). *Motivos artísticos timorenses e a sua Integração*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical/ Museu de Etnologia.
- Cinatti, R. (1987) *Arquitectura timorense*. Lisboa: Museu de Etnologia.
- Cunningham, A. et al. (2014). Plants as the pivot: The ethnobotany of timorenses textiles. In J. Barrkman & R. W. Hamilton (Eds.), *Textiles of Timor. Islands in the woven sea*. Los Angeles: Fowler Museum at UCLA.
- Fraser-Lu, S. (1988). *Handwoven textiles of Southeast Asia*. Oxford: Oxford University Press.
- Gittinger, M. (1979). *Splendid symbols. Textiles and traditions in Indonesia*. Oxford: Oxford University Press.
- Hitchcock, M. (1991). *Indonesian textiles*. Berkeley e Singapura: Periplus Editions.
- Holmgren, R. e Spertus, A. (1989). *Early Indonesian textiles from three island cultures: Sumba, Toraja, Lampung*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art.
- MacWilliam, A. & Traube, E. (Eds.) (2011). *Land and life in Timor Leste. Ethnographic essays*. Camberra: Australian National University Press.
- Maxwell, R. (2003). *Textiles of Southeast Asia: tradition, trade and transformation*. Singapura: Periplus Editions.
- Majlis, B. (1991). *Woven messages. Indonesian tradition in course of time*. Gottingen: Gottingen Druckhaus.
- Pearce, S (Ed.). (1994). *Interpreting objects and collections*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Pearce, S. (1992). *Museums, objects and collections. A cultural study*. Leicester: Leicester University Press.
- Restivo, M. (2012). Estudo de uma coleção de objetos etnográficos: especificidades dos objetos e modelos de estudo. In M. Asensio, E. Asenjo & Y. Castro, (Eds.). *Nuevos museos, nuevas sensibilidades. Series de investigación Iberoamericana de museología* 3 (4): 121-125. Acedido em fevereiro 15, 2015, em <http://nuevamuseologia.net/wp-content/uploads/2016/01/SiamV4.pdf>.
- Sacchetti, M. (2004). A singularidade dos tecidos na ilha de Timor. *Fundação Oriente* (5). 3-14.
- Viegas, S. (2011). Três etnografias dos anos 1970: os Fataluku. *Actas do Colóquio Timor: Missões científicas e antropologia colonial. History and Anthropology Timor*. Acedido em janeiro 30, 2015, em http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2012/02/20-VIEGAS-2011-TIMOR_revRR_VRM20Nov.pdf.
- Yeager, R & Jacobson, M. (1997). *Traditional textiles of West Timor. Regional variations in historical perspective*. Jacksonville: Batuan Biru Production